

A ambivalência de base e seus destinos em Freud e Melanie Klein

Luís Claudio Figueiredo¹

Resumo: A partir de uma leitura do texto de José Bleger sobre ambivalência e ambiguidade nos escritos psicanalíticos desde Freud e Melanie Klein, sugere-se a criação do conceito de ‘ambivalência de base’. Mostra-se a importância desse conceito na compreensão da obra de Melanie Klein a partir da década de 30 e como, a partir dele, podemos retomar diversos aspectos das teorias da autora e de alguns de seus seguidores.

Palavras-chave: Ambiguidade. Ambivalência de base. Divalência. Freud. Melanie Klein

I - A questão da ambivalência no pensamento freudiano e pós-freudiano: um rápido retrospecto

A retrospectiva realizada por José Bleger na década de 60 sob o título de *Ambivalência e ambiguidade. Antecedentes bibliográficos*² permanece, 60 anos depois, como um marco na literatura psicanalítica sobre o tema. Não apenas reconstitui a trajetória psicanalítica do conceito e seus usos, desde a introdução do termo ‘ambivalência’ por Eugen Bleuler em 1910³, como traz algumas inovações fundamentais. Principalmente, propõe e justifica a discriminação entre ‘ambiguidade’ (ou polivalência), ‘divalência’ e ‘ambivalência’ no pensamento de

¹ Psicanalista, Membro Efetivo do Círculo Psicanalítico do Rio de Janeiro, Professor da PUC-SP.

² Capítulo VII de seu livro *Simbiosis y ambigüedad* (1962).

³ Vai mesmo a uma época anterior, quando o fenômeno já era detectado por Freud; Bleger mostra inclusive que em notas e alterações feitas mais tarde o termo ‘ambivalência’ foi acrescentado por Freud em obras anteriores à criação do conceito.

Freud e de Melanie Klein (e, de passagem, Fairbairn) ao longo das décadas. Em resumo, na ambiguidade predomina o que ele chama de ‘polivalência’ em um estado de caos e uma radical confusão (na verdade, em uma *fusão* ainda mais primitiva), com pouca ou nenhuma discriminação entre os valores; a divalência é a manutenção dessas atitudes e afetos, mas distribuídos para dois ou mais objetos parciais (mesmo que para o observador externo se trate de um só); a ambivalência, em sentido estrito, envolve atitudes e afetos contraditórios em relação a um mesmo objeto.

II - Um novo conceito: a ambivalência de base

Apoiando-nos na proposta de Bleger, que esboçaremos adiante, vamos sugerir a pertinência de um novo conceito: a ‘ambivalência de base’. A ambivalência de base será apresentada como uma hipótese metapsicológica necessária, situada aquém da ambiguidade, da divalência e da ambivalência no sentido restrito, a rigor, em um outro plano. Nessa perspectiva, ambiguidade, divalência e ambivalência seriam respostas à ambivalência de base e derivativos dela. Mas, como tentaremos justificar mais tarde, a elas se soma outra condição, a que poderíamos chamar de ‘pós-ambivalente’ em que, no entanto, ainda é a ambivalência de base que se manifesta. Trata-se da posição subjetiva em que a condição trágica a que a ambivalência de base condena a existência humana pode se transformar em criação, sublimação e reparação. Em nosso entender, a ambivalência de base é uma das mais fortes razões para ‘acreditarmos na pulsão de morte’ (Garcia, Souza & Figueiredo, 2021) e com base nessa crença não haveria, na verdade, como sustentarmos a ideia de uma condição pós-ambivalente.

III - A ambivalência nas relações objetais (sentido estrito) como um problema sério desde Freud

Em Freud, desde mesmo antes da criação do conceito por Bleuler em 1910, fenômenos que envolvem, por exemplo, a transformação de prazer em desprazer e de amor em ódio revelam a sexualidade – a libido – gerando ambivalência. Em situações em que o prazer concorre com o desprazer e a angústia diante do mesmo objeto, encontramos a ambivalência como experiência derivada e, em geral, evitada porque uma das tendências é submetida à repressão. O que está em jogo aí é o conflito pulsional que opõe a libido – pulsão sexual – às pulsões do eu e às exigências da realidade e da moralidade vigente. O drama edípiano, com seus amores e ódios condenáveis, é o cenário para as ambivalências serem geradas e reprimidas.

Bleger mostra detalhadamente como Freud confunde o que seria efetivamente uma ambivalência no sentido estrito, a experimentada pelo ego diante de um mesmo objeto, com o que merece ser chamado de ‘divalência’ – uma sugestão de Pichon-Rivière: impulsos positivos e negativos se alternam ou se distribuem entre o objeto e seus avessos.

Bleger, contudo, aponta um exemplo em que, sem chamar por esse nome, observa-se uma aproximação à ideia de uma ambivalência de base: é quando Freud efetivamente faz uma ligação direta entre a ambivalência inevitável nas relações de objeto e sua hipótese do segundo dualismo pulsional – pulsões de morte e pulsões de vida. Em *O mal-estar na civilização* (1930/1961), Freud nos diz, a propósito do sentimento de culpa, que ele é “a expressão do conflito de ambivalência, *da luta eterna entre Eros e o instinto de destruição, ou de morte* [ênfase adicionada]” (p. 122). A grande diferença é que agora o conflito pulsional perde seu caráter contingente e histórico para assumir uma condição necessária e universal.

A oposição entre a sexualidade e as conveniências do eu pode mudar, e de fato muda conforme mudam as condições socioculturais em que vive o sujeito, as interdições e as prescrições da moralidade vigente. Já o conflito entre pulsões de vida e pulsões de morte seria próprio da condição humana, ainda que haja fortes diferenças individuais quanto à força relativa desses impulsos, como Freud reconhece em *Análise terminável e interminável* (1937/1964b). Ou seja, estamos aqui no terreno de uma certa *antropologia*. Não se trata, como já foi aventado, de um “extravio biologizante de Freud”, mas, ao contrário, de uma especulação filosófica acerca das bases do psiquismo, um mito antropológico⁴.

IV - Da ambivalência nas relações de objeto à ‘ambivalência de base’ na segunda teoria pulsional e seu aproveitamento por Melanie Klein

Acreditamos que é essa orientação antropológica, o segundo dualismo pulsional, completamente assumido por Melanie Klein a partir da década de 30 – ainda que sua ênfase nas ambivalências viesse de antes –, o que vai justificar sua discordância explícita com Karl Abraham (1924) e, implicitamente, com Freud (1933): ambos acreditavam em um período inicial da vida do ego ‘pré-ambivalente’, quando “não há ambivalência na relação com o objeto – o seio da mãe” (Freud, 1933/1964a, p. 99). Evidentemente, para os dois autores a ambivalência aparece e vem a dominar tais relações. Freud, no *Compêndio de psicanálise* (Freud, 1940/1964c), afirma claramente: “Como a transferência

⁴ O caráter mítico, aliás, está presente em todas as teorias metapsicológicas da psicanálise.

reproduz a atitude que o paciente tinha em relação aos pais, toma-lhe de empréstimo igualmente sua ambivalência” (p. 176).

Já para Melanie Klein, a ambivalência nos acompanha desde o início da vida, embora nem sempre seja vivida como tal, até nossa morte. Em *As origens da transferência* nos diz: “Porque os instintos de vida e morte, e assim amor e ódio, estão *no fundo* [ênfase adicionada] em estreita interação, as transferências positivas e negativas estão basicamente interligadas” (1952/1984c, p. 54). Fica claríssima sua adesão ao segundo dualismo pulsional, sua transformação da problemática dos ‘instintos’ em uma oposição na ordem dos afetos – amor e ódio – e sua incidência imediata nas relações de objeto transferenciais. Tudo isso *at the bottom*, no fundo mais fundo do psiquismo em um plano, como dissemos acima, mítico-antropológico. Consequentemente, prossegue ela, “fica implícito em meu argumento que não concordo com o conceito de Abraham de um estágio pré-ambivalente” (Klein, 1952/1984c, p. 68, nota de rodapé 2), nem com o que Freud escrevera em 1933.

Cabe uma pergunta: seria o dito ‘pré-ambivalente’ de Abraham (1924) e de Freud (1933/1964a), com o que Klein não concorda, algo da ordem do que Bleger chamou de ‘divalente’, característico da cisão entre bom e mau, operada pela posição esquizoparanoide; ou mesmo da ordem do ‘ambíguo’, anterior à discriminação e à cisão e muito antes da possível reunificação do ego e do objeto na posição depressiva?

A confusão conceitual do divalente com o pré-ambivalente se explica: em relação a cada objeto parcial, a coloração monocromática tem a aparência de ser uma relação não ambivalente. Na verdade, o que está ocorrendo é que os investimentos hostis foram deslocados para um outro objeto parcial, também monocromático.

Quanto ao ambíguo, vale lembrar que no texto de 1946, sobre os mecanismos esquizoides, Melanie Klein, acompanhando Winnicott, menciona de passagem, antes da posição esquizoparanoide se instalar (como uma defesa contra, exatamente, o que estamos denominando de ambivalência de base), uma condição de não-integração egoica, de caos e uma radical confusão; seria então o pré-ambivalente o que estamos chamando de ‘ambíguo’? Nessa condição de não-integração egoica, lembra Klein mencionando Winnicott, “uma paciente não podia discriminar si mesma de sua gêmea” (1946/1984a, p. 4, nota 2), ou seja, vivia uma condição de absoluta ambiguidade e indiscriminação. A esse aspecto voltaremos adiante ao tratar da inveja primária. Mas já cabe aqui recordar que também Herbert Rosenfeld, em seu clássico estudo dos estados confusionais (Rosenfeld, 1950/1965), remete-nos às ideias de Winnicott sobre a não-integração do ego nos primórdios da vida.

Que Melanie Klein aposta em uma ambivalência de base fica muito claro no seu texto sobre as origens da transferência (1952/1984c). Nele se viu como, para ela, as transferências positivas e negativas são ambas inevitáveis e simultâneas justamente porque operam a partir do segundo dualismo pulsional *at the bottom*: o mundo e seus objetos, incluindo os chamados ‘objetos internos’, têm sempre essa dupla valência.

Na posição esquizoparanoide, por causa da cisão, cria-se a divalência: o bom objeto é amado e desejado, o mau objeto é odiado e temido. As implicações clínicas da ambivalência de base na análise das transferências são imensas, pois nos alertam para a presença dessas duas atitudes e de grupos de valores afetivos, mesmo que um destes esteja deslocado e projetado para outros objetos (na posição esquizoparanoide) e mesmo que esteja reprimido e inacessível à consciência a partir da posição depressiva. Nesta, a ambivalência em sentido estrito se realiza plenamente, mas, ao mesmo tempo, ela se torna ainda mais furtiva em decorrência de que, em geral, uma das tendências é reprimida e mantida na condição inconsciente.

Teríamos assim que pensar a questão das ‘posições’ diante da questão da ambivalência de base da seguinte forma:

Na condição ‘pré-esquizoparanoide’, a que Melanie Klein alude de passagem no início do texto de 1946, e Rosenfeld retoma em 1950, sem dar a essa condição um nome próprio, impera o caos, a confusão primitiva e a ambiguidade⁵.

Cabe aqui uma observação: no seu grande texto de 1957, *Inveja e gratidão* (1957/1991), podemos ver que Melanie Klein, apesar de totalmente comprometida com o segundo dualismo pulsional, colocando a inveja como a expressão direta do instinto de morte e destruição, não menciona em nenhum momento a ambivalência; o que temos aí é a confusão e, conseqüentemente, a ambiguidade, o que não chegou a ser assinalado por Bleger⁶. Há realmente inúmeras menções a estados confusionais nessa obra, como, por exemplo:

Como sugerido anteriormente, quando a cisão normal fundamental entre o amor e o ódio [ênfase adicionada], e entre o objeto bom e o mau não é bem-sucedida, pode surgir a confusão [ênfase adicionada] entre o bom e o mau objetos. Acredito ser essa a base de toda confusão [ênfase adicionada] quer em estados confusionais graves, quer em formas mais brandas como a indecisão – a saber, uma dificuldade de

⁵ Vale lembrar que José Bleger (1962) também acredita em uma posição anterior à esquizoparanoide, a que deu o nome de glisero-cárica, um nome que não ‘pegou’, embora a ideia pareça muito boa. Bleger cita elogiosamente Rosenfeld, mas faz a distinção entre os ‘estados confusionais’ desse autor e o que seria uma fusão ainda mais primitiva.

⁶ Não há ao longo de todo o texto uma única menção à ambivalência, enquanto há nove menções à confusão e a estados confusionais.

chegar a conclusões e uma perturbação na capacidade de pensar claramente. (Klein, 1957/1991, p. 248)

Essa é a maneira de Melanie Klein referir-se ao que Bleger chamou de ‘ambiguidade’ (ainda que ele tenha dado à ‘ambiguidade’ um estatuto ainda mais primitivo que o da ‘confusão’), um transtorno do pensamento, uma dificuldade para o exercício do pensamento claro. Não por acaso, Rosenfeld tratou dessa condição em seus estudos sobre os estados psicóticos, publicados em 1965, mas referentes a trabalhos das décadas anteriores. Realmente, transtornos de pensamento fazem parte da problemática das psicoses e de núcleos psicóticos em adoecimentos *borderline*.

O problema advém do fato de que a inveja primária torna o ‘seio bom’ algo ‘mau’: é bom, mas, simultaneamente, é odiado e temido, o que obstrui a passagem para a cisão esquizoparanoide “normal e fundamental” e, assim, atrapalha todo o processo de amadurecimento emocional do infante. Klein já nos dissera: “Parece paradoxal, mas desde que a integração é baseada em um objeto bom fortemente enraizado no âmago do ego, um certo grau de cisão é essencial para a integração” (1957/1991, p. 192).

Ora, não há como internalizar um ‘bom objeto’ que seja ambíguo e confusional, pouco confiável, tóxico. Embora Klein esteja se referindo ao seio bom materno, quando a inveja primária se instala e domina o psiquismo, será difícil para o ego se alimentar de todos os bons objetos que lhe são oferecidos, pois todos estarão sob suspeita e imersos na confusão e na ambiguidade. Digase de passagem que, nesse texto, Melanie Klein está se referindo a dificuldades na própria instalação da posição esquizoparanoide. O que nos recorda que, no texto de 1946, ela aludira rapidamente ao caos primordial e em 1950, Rosenfeld falara em estados confusionais na primeira infância. Parece que o excesso de inveja primária, “uma expressão direta de impulsos destrutivos”, contribui para manter essa condição, vale dizer, para manter o sujeito na confusão e na ambiguidade.

O importante é ver que essa confusão e ambiguidade experimentada diante dos bons objetos – ou do que poderia ser um bom objeto, não fosse a inveja – é a mais pura expressão da ambivalência de base: quando amor e ódio operam e trabalham juntos e intensamente, muito antes de o ego ser capaz de discriminar, cindir, reunir e tolerar as tensões e os conflitos, o bom e o mau se confundem e se sobrepõem.

Na posição esquizoparanoide impera a divalência como defesa contra a ambivalência de base, propiciando uma saída dos estados confusionais: uma cisão entre o ‘bom’ e o ‘mau’ não apenas distribui amores e ódios, apetites e

temores entre partes distintas e objetos diferentes – ainda que se trate do ‘mesmo objeto’ para um observador externo – como de fato ‘cria objetos parciais’. O objeto é parcial não só porque seja uma parcela do objeto total (o que nem sempre acontece, aliás), mas porque é investido afetivamente de amor ou de ódio, de desejo ou de temor. Ou seja, é essa coloração única que o torna um objeto parcial, monocromático.

Nessa condição, inicia-se assim uma *triangulação incipiente*: o seio bom e o seio mau são já o ‘segundo’ e o ‘terceiro’ em relação ao sujeito. Essa triangulação incipiente se aprofunda com o que poderíamos chamar de *triangulação imperfeita*: trata-se de uma transição da divalência para a ambivalência em que os outros da mãe ganham forma e nome e os afetos se distribuem entre objetos mais ou menos unificados e totais.

Na *triangulação imperfeita*, a mãe (o seio bom) e os outros da mãe (o seio mau) estão presentes em relações pseudoduais e no Édipo precoce⁷. Ora, por exemplo, teríamos a mãe boa e o pai mau, ora se invertem os sinais. São, como disse Green (2002), duas relações simultâneas que não formam efetivamente um triângulo porque cada polo recebe um colorido uniforme e em forte oposição ao outro. Não existe uma aliança possível entre eles, não se forma um casal parental. Em uma certa medida, prevalece a divalência, mas os objetos parciais vão ganhando uma certa integralidade. Isso é, perde-se a correlação perfeita entre a divalência e a noção de objetos parciais, como está bem claro em Fairbairn, mas ainda não se experimenta a ambivalência no sentido estrito, quando afetos contraditórios investem os mesmos objetos. Isso é o que vamos encontrar na posição depressiva.

Mas antes de lá chegarmos, cabe observar que a idealização e o horror pertencem inevitavelmente ao funcionamento divalente. O bom e o ideal se confundem, bem como o mau se identifica ao terrível; o tudo e o nada predominam nessas modalidades extremas de funções objetualizantes e desobjetualizantes (Green, 2002) de objetos parciais, manifestações clínicas do segundo dualismo pulsional.

Na posição depressiva instala-se, finalmente, a experiência da ambivalência no sentido estrito das relações de objeto na triangulação edípica, implicando objetos totais⁸. É a ocasião de afetos contraditórios serem vividos em relação aos mesmos objetos, gerando as angústias depressivas e, especialmente, as culpas.

⁷ Winnicott (1958) afirma que relações duais de fato existem. Aparentemente, não entendeu ou não concorda com o que Melanie Klein chamou de Édipo Precoce. Nesse momento, porém, estamos sugerindo que ainda antes do Édipo Precoce alguma triangulação incipiente já está operando.

⁸ Não há como deixar passar em branco um erro sério de interpretação perpetrado por Donald Winnicott, em 1958, ao dizer que a posição depressiva de Melanie Klein é um exemplo de relação dual. Sabe-se sem margem a dúvidas que, no pensamento kleiniano, a travessia da posição depressiva é simultânea à travessia do complexo de Édipo.

V - Uma digressão: a ambivalência de base na formação e no funcionamento do ego

Cabe aqui enfatizar que, embora Melanie Klein suponha um embrião de ego operando desde o começo da vida e desde sempre capaz de angustiar-se, a ambivalência de base já atua no psiquismo do sujeito muito antes do ego se formar e se fortalecer. Ou seja, o dualismo pulsional precede e domina o processo de formação do ego. Isso quer dizer que a formação do ego está desde o início às voltas com a ambivalência de base no próprio psiquismo e, também, no meio ambiente em que se desenvolve e nos objetos primários com que interage.

Esse aspecto merece algum realce: não apenas a ambivalência de base atua no psiquismo do ego em formação, como está presente nos adultos que o cercam. Ainda que adotemos o mito da preocupação materna primária, por exemplo, seria pouco plausível acreditar que a maternagem, em qualquer momento, possa estar livre da ambiguidade e da confusão, da divalência e da ambivalência, mesmo que essa esteja em grande parte reprimida. Afinal, a mãe é uma mulher, em geral, uma mulher adulta. Mesmo Winnicott reconhece que essa ‘doença’ – a suposta ‘preocupação materna primária’ – é, e precisa ser, breve. Na linha de raciocínio que estamos adotando, também durante esse breve período a mãe continua portadora de um inconsciente, de mecanismos de defesa e de pulsões e conflitos pulsionais, isso é, sempre às voltas com a ambivalência de base. Mesmo a mais devotada das mães não é um anjo...

Essa era também a ideia de Sándor Ferenczi, tal como a expressa no texto *A criança mal acolhida e sua pulsão de morte* (Ferenczi, 1929/1992). Na falta de um bom acolhimento, as pulsões de morte ganham a batalha e, se não matam, ao menos deixam fortes sequelas na constituição do ego. Isso porque a formação egoica precisa enfrentar desde o começo a força das pulsões de morte com seus aspectos regressivos e destrutivos. O que se pode acrescentar ao texto ferencziano é a ideia de não ser conveniente idealizar o bom acolhimento, pois sempre haverá também a confusão, a divalência e a ambivalência no ambiente adulto da família. Da ambivalência de base não se escapa. A dimensão trágica da existência parece decorrer dessa condição e das tensões permanentes e finitudes a que os conflitos insanáveis nos destinam. Ninguém sai completamente ileso dessas batalhas precoces.

É evidente que nem todos sofrem da mesma maneira, por exemplo, com as perturbações causadas pela inveja primária e seus efeitos confusionais, mas não parece razoável subestimar essa forte manifestação da ambivalência de base mesmo em formações egoicas aparentemente bastante sofisticadas⁹.

⁹ Seria, aliás, interessante investigar se a necessidade de se opor taxativamente à noção kleiniana de ‘inveja primária’ não se origina exatamente da defesa de alguns analistas contra suas próprias invejas e ressentimentos inconscientes.

O que parece uma hipótese plausível é que a ambivalência de base opera de forma mais visível nas relações narcisistas e seus derivados. O que teríamos aí é menos a ambivalência no sentido estrito e mais as confusões e ambiguidades. Já as divalências, recordemos, apesar de sua ‘imaturidade’, representariam um avanço sobre a confusão e a polivalência das ambiguidades características dos estados psicóticos. Dividir o mundo entre bons e maus, apetitosos e repulsivos, benevolentes e temíveis, amigos e inimigos já é um pouco melhor do que não saber discriminar o joio do trigo como ocorre sob o efeito da inveja.

É claro que, após a discriminação feita, é bom que se criem as condições para reconhecer as misturas e tolerar as tensões e conflitos, ou seja, é bom que a experiência da ambivalência no sentido estrito venha a ser vivida e reconhecida e, principalmente, atravessada.

VI - A ambivalência e o fim de análise em 1950 e 1958

E a história não precisa realmente acabar assim.

Falando sobre o fim de análise, Melanie Klein foi levada a sugerir que, além da estabilidade e um aparente contato com a realidade, característicos de uma boa “força egoica”, é necessário incluir nos critérios de alta o que ela denomina de “profundidade do ego”. Ao seguir Melanie Klein na tentativa de entender o que ela denomina de profundidade nesse contexto, encontramos o seguinte:

“Sustento que uma expansão na profundidade do ego também é essencial. Um elemento intrínseco de uma personalidade profunda e plena é a riqueza da vida de phantasia e a capacidade de experimentar emoções livremente” (Klein, 1950/1984b, p. 46).

A profundidade do ego corresponde à riqueza do mundo de phantasia, ou seja, do mundo pulsional – posto que em Melanie Klein a phantasia (com ph) é a expressão direta dos “instintos”. “Profundidade de ego” diz respeito também à “capacidade de experimentar emoções livremente”. Trata-se da capacidade de suportar (acolher) o impacto de toda a gama dos afetos – amor e ódio, ansiedade, pesar e culpa – diante dos objetos primários e de tolerar o insight, entendido como o contato com o mundo próprio mental e instintivo, com a realidade psíquica e suas ambivalências. Parece claro que as ambivalências que aqui são mencionadas não se referem à ambivalência no sentido estrito, mas justamente à ambivalência de base, diretamente ligada ao grande conflito pulsional: pulsões de vida versus pulsões de morte. A mente precisa se expandir e ganhar profundidade para fazer contato e abrir espaço a essa ambivalência.

Fica então claríssimo como os dois critérios que propusera no texto de 1950 – de um lado, a “força” (estabilidade), e de outro, a “profundidade do ego” – não se somam, mas até competem um com o outro, sendo ambos, contudo, indispensáveis. A estabilidade (associada à força) sem a riqueza egoica (que traz consigo instabilidade) pode ser tão patológica quanto a instabilidade sem uma certa “força do ego”. As duas condições são em parte antagônicas e, ao mesmo tempo, cada uma é a condição da outra poder ser alcançada e conservada em um processo de saúde. Há, portanto, entre os dois critérios, oposição e complementaridade, o que nos leva à noção de saúde como algo dinâmico e nunca à esperança de um estado definitivo de cura.

Alguns anos depois, no texto *On the development of mental functioning* (1958/1984d), falado em 1957 e publicado em 1958, Melanie Klein postula a existência de objetos maus não-integráveis e, correlativamente, de objetos idealizados irredutíveis. Seriam os primeiros objetos ainda mais assustadores e terríveis que aqueles que até então ela supunha existirem no superego precoce e cruel. Os objetos superegoicos, idealizados positiva ou negativamente, poderiam, com esforço, vir a se integrar e a fortalecer o ego, embora introduzindo sempre a ambivalência e a inquietude. Era isso que ela postulava no texto de 1950 sobre o final de análise (1950/1984b). Já em 1958, o que ela admite é que há extremos muito mais radicais e que o psiquismo egoico, a vida consciente do ego, jamais será capaz de, mesmo ao fim mais cabal de uma análise bem-sucedida, integrar essas polaridades excessivas.

Na verdade, nesse texto surpreendente do final de sua vida, Melanie Klein vai dizer com todas as letras que a integração daqueles aspectos contraditórios e ambivalentes no ego, ao enriquecê-lo, criam instabilidade.

Mas também nos diz ela: “Embora os aspectos rejeitados do self e dos objetos internalizados *contribuam para a instabilidade, eles também estão na fonte da inspiração nas produções artísticas e em várias atividades intelectuais* [ênfase adicionada]¹⁰” (Klein, 1958/1984d, p. 245).

Há, portanto, um ganho nessa instabilidade, posto que seja um ganho de difícil aproveitamento para certos pacientes. Talvez alguns jamais consigam suportar a ambivalência e a instabilidade associadas à internalização de um bom objeto sintético e não possam, portanto, dispor dessa riqueza subjetiva sem experimentar um forte risco de loucura (o que não os impede de criar...).

¹⁰ Elias Mallet da Rocha Barros recorda-se de que, no período de sua análise com Herbert Rosenfeld, tomou conhecimento de ideias do autor, nunca colocadas por escrito, em que Rosenfeld considerava a regressão aos estados confusionais necessária, como uma passagem transitória, para o trabalho criativo (Barros, comunicação pessoal). A isso voltaremos adiante.

Em resumo: Melanie Klein insiste na existência desse núcleo não redutível, refratário à análise, perturbador e, contudo, origem de um interminável esforço de transformação criativa. Acreditamos que na raiz desses elementos opere a ambivalência de base, o conflito nuclear e insuperável do psiquismo entre pulsões de vida e pulsões de morte. Trata-se, evidentemente, de uma fonte inesgotável de inquietação, instabilidade e sofrimento, mas é também uma fonte de criatividade, funcionando como uma forte exigência de trabalho reparador, pois as forças da destruição não sossegam. Reparações narcísicas e reparações dos objetos são tarefas permanentes e inevitáveis, dado o fato de que a vida transcorre do começo ao fim no campo de batalha em que as pulsões de vida e morte se enfrentam.

O que, porém, mesmo aí em 1958 ela ainda não diz, embora abra um amplo espaço para que nós possamos pensar e dizer, é que, além dessa instabilidade que uma riqueza subjetiva produz quando se acolhe e tolera a ambivalência, haverá sempre um 'a mais', um irreduzível, um não-integrável que comanda a marcha. Esse elemento, parece, é a ambivalência de base a que estamos aludindo ao longo do texto. Algo que não se integra, mas comanda todo o processo.

VII - Um passo a mais: as obras e desastres da ambivalência de base

Alguns autores de raízes kleinianas falam-nos de uma posição pós-depressiva (Britton, 1998). Para acompanhá-los, precisamos retomar a ideia de Wilfred Bion acerca de uma oscilação permanente entre as posições esquizoparanoide e depressiva. Britton apoia-se nessa oscilação para propor uma posição pós-depressiva que inclui, de certa forma, a regressão provisória à posição esquizoparanoide. Diz ele:

a posição depressiva não é um lugar final de repouso e deixar a segurança da coerência da posição depressiva para uma nova rodada de incertezas fragmentadas e persecutórias é necessário para o desenvolvimento... [o trajeto do desenvolvimento é] Da integração para a desintegração, seguida de reintegração. (Britton, 1998, p. 73)

Dando mais um passo na mesma direção, gostaríamos de propor a ideia de que na posição pós-depressiva ocorre uma superação/conservação do caos, da divalência e da ambivalência. Nela os destinos da ambivalência de base ganham de fato uma nova alternativa: na saúde verifica-se a possibilidade de sublimação da ambivalência de base a partir desses movimentos de ida e volta que incluem regressões e novos avanços¹¹. É o que se vê, por exemplo, na polissemia da obra

¹¹ O que parece já ser a ideia de Rosenfeld, segundo Elias Rocha Barros.

de arte ou literária, mas também em outras tarefas de reparação e criação que requerem movimentos regressivos que levam o sujeito ao estado primordial de não-integração e ambiguidade, mas o trazem de volta, passando pela divalência, até formas maduras de integração e ambivalência. A ambivalência de base operaria em todos esses modos de funcionamento.

A ambiguidade na linguagem, na arte e na poesia foi objeto de um estudo pioneiro de Ernst Kris e Abraham Kaplan (Kris & Kaplan, 1953) que, por sinal, já falava em regressão a serviço do ego nos processos criativos desde a década de 50.

O que estamos sugerindo é que a ambivalência de base esteja nas raízes de todas as formas e modalidades de criatividade e nunca seja pura e simplesmente superada. A polissemia, os múltiplos sentidos condensados nas obras humanas mais notáveis, e não apenas no campo das artes, mas também nas ciências¹², aponta para uma ultrapassagem da ambiguidade, da divalência e da ambivalência que, ao mesmo tempo, as conserva em outro patamar. É nesse patamar que podemos reencontrar a ambiguidade como uma conquista sobre a divalência e a ambivalência que, contudo, não são por isso eliminadas.

Instala-se o enigma e o drama onde quer que o homem deixe seus traços e plante suas obras. De bondades e boas intenções está calçado o inferno, diz o velho ditado. Mas, ao revés, não haverá também grandes feitos e realizações louváveis, a que somos gratos, construídos pela maldade de uns e sofrimentos de outros?

Contemplada desde a perspectiva de Melanie Klein, a vida não é para principiantes. Mas segundo a mesma autora, independentemente da idade e da experiência acumulada, estamos sempre principiando.

The basic ambivalence and its destinies in Freud and Melanie Klein

Abstract: From a reading of José Bleger's text on ambivalence and ambiguity in psychoanalytic writings since Freud and Melanie Klein, it is suggested the creation of the concept of 'basic ambivalence'. It's stressed the importance of this concept in understanding Melanie Klein's work from the 1930s on and how from it we can resume several aspects of the theorizations of the author and some of her followers.

Keywords: Ambiguity. Basic ambivalence. Divalence. Freud. Melanie Klein.

¹² O filme *Radioactive*, dirigido por Marjane Satrapi, não é um grande filme, mas conta de forma instigante a trajetória de Marie Curie, dando realce à polissemia embutida na descoberta da radioatividade e nos seus usos curativos e destrutivos, bem como na vida da própria cientista.

Referências

- Bleger, J. (1962). *Simbiosis y ambigüedad: estudio psicoanalítico*. Buenos Aires: Paidós
- Britton, R. (1998). Before and after the depressive position. In *Belief and Imagination: Explorations in Psychoanalysis*. London: Routledge.
- Ferenczi, S. (1992). A criança mal acolhida e sua pulsão de morte. In *Obras completas* (Vol. 4). São Paulo: Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1929)
- Garcia, C. A., Souza, O., & Figueiredo, L. C. (2021). Você acredita na pulsão de morte? *Cadernos de Psicanálise do CPRJ*. (no prelo)
- Freud, S. (1961). Civilization and its discontents. In J. Strachey (Ed. & Trans.), *The standard edition of the complete psychological works* (Vol. 21). London: Hogarth Press. (Trabalho original publicado em 1930)
- Freud, S. (1964a). Lecture XXXII – Anxiety and instinctual life. In J. Strachey (Ed. & Trans.), *The standard edition of the complete psychological works* (Vol. 22). London: Hogarth Press. (Trabalho original publicado em 1933)
- Freud, S. (1964b). Analysis terminable and interminable. In J. Strachey (Ed. & Trans.), *The standard edition of the complete psychological works* (Vol. 23). London: Hogarth Press. (Trabalho original publicado em 1937)
- Freud, S. (1964c). An outline of psycho-analysis. In J. Strachey (Ed. & Trans.), *The standard edition of the complete psychological works* (Vol. 23). London: Hogarth Press. (Trabalho original publicado em 1940)
- Green, A. (2002). *Idées directrices pour une psychanalyse contemporaine*. Paris: Presses Universitaires de France.
- Klein, M. (1984a). Notes on some schizoid mechanisms. In *The writings of Melanie Klein* (Vol. 3, pp. 1-24). London: The Free Press. (Trabalho original publicado em 1946)
- Klein, M. (1984b). On the criteria for the termination of a psycho-analysis. In *The writings of Melanie Klein* (Vol. 3, pp. 43-47). London: The Free Press. (Trabalho original publicado em 1950)

Klein, M. (1984c). The origins of transference. In *The writings of Melanie Klein* (Vol. 3). London: The Free Press. (Trabalho original publicado em 1952)

Klein, M. (1984d). On the development of mental functioning. In *The writings of Melanie Klein* (Vol. 3, pp. 236-246). London: The Free Press. (Trabalho original publicado em 1958)

Klein, M. (1991). Inveja e gratidão e outros trabalhos. In *Obras completas de Melanie Klein* (Vol. 3). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1957)

Kris, E., & Kaplan, A. (1953). Aesthetic ambiguity. In E. Kris, *Psychoanalytic explorations in art*. London: George Allen and Unwin.

Rosenfeld, H. (1965). Notes on the psychopathology of confusional states in chronic schizophrenia. In *Psychotic states: a psycho-analytical approach*. London: Karnac. (Trabalho original publicado em 1950)

Winnicott, D. W. (1958). The capacity to be alone. In *From paediatrics to psycho-analysis. collected papers*. London: Routledge.

Copyright © Psicanálise – Revista da SBPdePA
Revisão de português: Mayara Lemos

Recebido em: 12/07/2021

Aceito em: 22/07/2021

Luís Claudio Figueiredo
Rua Lisboa 257 / 82
05413-000 – São Paulo – SP – Brasil
Email: lclaudio.tablet@gmail.com